

# O INTERNATO COMO CHAVE DE LEITURA HISTÓRICO-EDUCACIONAL: A OBRA *O ATENEU*, DE RAUL POMPEIA

*El internado como clave de lectura  
histórico-educacional:  
la obra O Ateneu, de Raul Pompeia*

The Boarding School as a Key  
to Historical-Educational Reading:  
The Work *O Ateneu*, by Raul Pompeia

Mauro CASTILHO GONÇALVES  
*Universidade de Taubaté*  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*  
Correo-e: mauro\_castilho@uol.com.br

Emari ANDRADE  
*Universidade de Taubaté*  
Correo-e: emari.andrade@unitau.br

Recibido el 2 de julio de 2023  
Aprobado el 18 de octubre de 2023

RESUMO: O artigo propõe um estudo sobre a obra *O Ateneu*, do escritor brasileiro Raul Pompeia. Lançado no final do século XIX, o romance aborda uma experiência crítico-memorialística do autor que, instado pelas circunstâncias históricas, sistematiza suas reminiscências escolares ao criar personagens, situações e casos que, indelevelmente, o marcaram como sujeito-protagonista. Parte-se da hipótese de que Pompeia expõe seus argumentos e convicções, tendo em vista um exame apurado de suas condições existenciais, atreladas às peculiaridades do momento em que repercutiu a experiência institucional que enfrentou. A pesquisa apurou o conteúdo do romance, com vistas a compreender o *statu quo* histórico-educacional e seu vínculo com a filiação literária do autor. Optou-se em observar as articulações entre obra e conjuntura. Conclui-se que a obra debate o clima tensional do período,

articulado com as adversidades institucionais próprias de um modelo de internato, que associa e congrega uma complexa rede de conveniências existenciais e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Ateneu; Raul Pompeia; Internato.

RESUMEN: El artículo propone un estudio sobre la obra *El Ateneo*, del escritor brasileño Raul Pompeia. Publicada a finales del siglo XIX, la novela aborda una experiencia crítico-memorialista del autor que, impulsado por las circunstancias históricas, sistematiza sus reminiscencias escolares creando personajes, situaciones y casos que lo marcaron como sujeto-protagonista. La hipótesis es que Pompeia expone sus argumentos y convicciones a causa de un examen preciso de sus condiciones existenciales, vinculadas a las peculiaridades del momento en que reflejó la experiencia institucional que enfrentó. Se investigó el contenido de la novela, buscando comprender el *statu quo* histórico-educativo y su vínculo con la filiación literaria de Raul Pompeia. El trabajo observó las articulaciones entre trabajo y coyuntura. Se concluye que la obra discute el clima tensional de la época, articulado con las adversidades institucionales de un modelo de internado, que asocia y congrega una compleja red de comodidades existenciales y culturales.

PALABRAS CLAVE: historia de la educación; Ateneo; Raul Pompeia; Internado.

ABSTRACT: The article proposes a study on the work *O Ateneu*, by the Brazilian writer Raul Pompeia. Published at the end of the 19th century, the novel addresses a critical-memorial experience of the author who, driven by historical circumstances, systematizes his school reminiscences, creating characters, situations and cases that marked him as a subject-protagonist. The hypothesis is that Pompeia exposes his arguments and convictions due to a precise examination of his existential conditions, linked to the peculiarities of the moment in which he reflected the institutional experience he faced. The content of the novel was investigated, seeking to understand the historical-educational *statu quo* and its link with Raul Pompeia's literary affiliation. The work observed the articulations between work and situation. It is concluded that the work discusses the tense climate of the time, articulated with the institutional adversities of a boarding school model, which associates and brings together a complex network of existential and cultural comforts.

KEYWORDS: History of education; Ateneo; Raul Pompeia; Boarding school.

## 1. Introdução

**O** *ATENEU – CRÔNICA DE SAUDADES*<sup>1</sup> é considerada a obra-prima do escritor brasileiro Raul Pompeia (1863-1895). Publicada em 1888, num período de derrocada e crise do sistema monárquico e de severas críticas ao escrava-

<sup>1</sup> Todas as referências à obra-fonte aqui analisada foram retiradas da seguinte edição: POMPEIA, Raul. *O Ateneu*, São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1954.

gismo, abolido oficialmente em 13 de maio daquele mesmo ano, o romance aborda o contexto de um internato carioca e as reminiscências escolares e existências do seu autor-protagonista.

O artigo sistematiza uma análise do conteúdo do romance, para a compreensão do contexto histórico-educacional e seus vínculos com a filiação literária do sujeito-narrador. O pressuposto que orienta a proposta em tela, visa a reunir e a articular as argumentações do autor que, instado por condições existenciais e culturais específicas, expôs suas reminiscências de estudante, a partir de um internato, instituição característica de um legado luso-católico, de cariz patriarcal. Em certa medida, a pesquisa versa acerca das conexões entre obra e conjuntura, com ênfase no protagonismo da narrativa, expresso em excertos entendidos como nodais para a compreensão do escopo geral.

Considerados como objetos centrais da pesquisa (o autor e a obra), o artigo expõe as formas pelas quais o conteúdo revela pistas sobre um contexto social e cultural, tipicamente marcado pela conjunção entre uma lusitana tradição monárquica e as inovações oriundas do estrangeiro, em diálogo com o peculiar processo nacional, em curso naqueles tempos de transição.

O texto está estruturado em quatro seções. Na primeira, o romance é considerado à luz das circunstâncias, vistas como peculiares no caso brasileiro. Na segunda, apresentam-se as conexões entre o autor e sua obra, com vistas a compreender os processos e debates literários advindos daquele momento histórico (final do século XIX). A terceira seção analisa o debate educacional do período, considerando a crise do modelo de internato e a emergência de uma discussão sobre o «moderno» em educação escolar. Por último, um corolário com considerações finais.

## 2. O contexto e a obra

O século XIX brasileiro, em linhas gerais, pode ser compreendido a partir de uma bivalência cronológica: sua primeira metade foi marcada pela gênese e formulação da política monárquica e a consolidação de um absolutismo de tradição lusitana, que não demorou muito a ser questionado pelas diferenças regionais que se apresentavam no interior das províncias. Não houve pacto federativo, ao contrário, a sociedade escravocrata presenciou tensões de larga escala, com revoltas localizadas, que provocaram imediatas reações, com forte repressão por parte do Estado, canonicamente instituído pela Constituição de 1824, a primeira após o longo período colonial.

As revoltas regionais, assim denominadas pela historiografia, com suas diferentes configurações socioeconômicas, acabaram por desenhar fronteiras internas que proporcionaram, durante o século, inúmeras contingências locais: o Brasil apresenta-se e fortalecia-se como uma sociedade complexa e, ao mesmo tempo, de difícil solução pacífica. De um lado, a subalternidade social ampliava-se com uma política econômica excludente. De outro, resistências ao norte da sede im-

perial – e ao sul – definiam e circunscreviam territórios e alargavam as diferenças socioculturais. Era necessário, pois, impor centralidade e nacionalidade ao todo complexo.

Uma das primeiras tentativas de imposição de uma homogeneidade nacional, ainda na primeira metade do século XIX, veio com a outorga do Decreto Imperial de 1827, que regulamentou a instrução elementar no Império. Era a hora e a vez do Estado, assim como ocorria na rica Europa, conduzir, ou pelo menos apresentar-se como condutor, um setor com potencial de unificação, ao menos num idioma nacional, correlato com uma religião oficial. Assim sucedeu quando a norma consubstanciou, em 1827, a obrigatoriedade da Língua Portuguesa e do ensino da religião católica apostólica romana nas assim denominadas «escolas de primeiras letras». Língua e religião, de forma unívoca e articulada, poderiam, em tese, promover a tão almejada unificação nacional.

De outro lado, o século XIX ganhava vulto, por meio de conquistas e inovações em todas as áreas: ciências, literatura, artes etc. Adentra-se em um outro momento, com a chegada de novas culturas emigradas. A segunda metade do referido século apresenta-se com uma nova roupagem: imigração, circulação de livros e ideias, imprensa periódica militante e crítica, movimentos abolicionistas, entre outros. Avizinhavam-se os «ventos do progresso», do republicanismo militar e laico, assim como a formação de novos quadros intelectuais no interior do exército, nas escolas estrangeiras, nas viagens e estágios internacionais, na tradução de obras científicas etc. Instituições culturais foram criadas para atender novas demandas de formação intelectual: o então promissor Colégio Pedro II, fundado em 1827, no final do século XIX, já era o responsável direto pela formação de quadros proeminentes que acessaram o ensino superior brasileiro ou estrangeiro, vindos da França, principalmente.

As Ciências Jurídicas, do nordeste ao sudeste, destacaram-se como *locus* de formação de uma elite letrada interveniente e militante, participativa da vida nacional, que passou a ocupar os setores da «inteligência brasileira»: jornais, colégios, escolas normais, academias de letras e artes. De outro lado, na medida que o século avançava, o Brasil mirava novos rumos. Chegava o momento de problematizar o passado, mas ao mesmo tempo preservá-lo. O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, cresceu em notoriedade no reinado de Pedro II, fortalecendo-se como uma instituição responsável, pela primeira vez, por registrar e preservar a cultura pretérita, com vistas a escrever uma história nacional para divulgá-lo por meio do ensino escolarizado.

As contradições inerentes a uma sociedade dividida por privilégios patrimonialistas e excludentes forçaram a consolidação de uma massa iletrada, distante da escola e da formação cultural, sem o acesso aos bens inalienáveis da dignidade humana. Uma formação social assim instituída reverberou os conflitos, as revoltas e as resistências, nomeadamente da população negra. Parte das elites brancas assumiu a condição da crítica pela ciência, artes e literatura. Uma rede pífia de escolas isoladas públicas passou a atender a alfabetização, herança do ensino régio, legado português. Por outro lado, uma rede heterogênea de instituições par-

ticulares dinamizava a formação das elites privilegiadas: conventos, seminários, internatos, corporações familiares e o ensino preceptor.

No final do século XIX, circunstância da formação intelectual de Raul Pompeia e da publicação de seu romance mais famoso, o Brasil já era outro, com uma hodierna configuração sociológica. Um «novo espetáculo das raças»<sup>2</sup> apresentava-se como alternativa a um país miscigenado e multicultural. Políticas de embranquecimento foram adotadas, no incentivo ao imigrante estrangeiro e na exclusão social das massas iletradas. A crise, em larga medida, imposta às tradicionais e longevas instituições, contribuiu para reatualizações teórico-práticas. O republicanismo, ensinado nos quartéis e propagado por setores da imprensa periódica e escolas literárias, em suas diferentes vertentes positivistas, serviu de estofo ideológico para, afinal, o Brasil apresentar-se como uma hipotética federação, não sem resistências.

A celeuma ideológica e cultural que afetou as elites letradas, nomeadamente no Rio de Janeiro e São Paulo, eixos propulsores das «novidades americanas e europeias»<sup>3</sup>, expressou a mais contundente luta pela hegemonia: a formação de um Estado republicano, capaz de elevar e mirar o futuro da «ordem e do progresso»<sup>4</sup>. O projeto era republicanizar a sociedade brasileira pela escola popular<sup>5</sup>, pelo incentivo a alternativas instituições de cultura e ciência<sup>6</sup>, bem como pela propagação e o debate literário, por meio do apoio a novas casas editoriais e o incremento de obras didáticas, nacionais ou estrangeiras, para abastecer a incipiente e desestruturada rede escolar pública, em processo de institucionalização nos primeiros anos do século XX.

A obra de Raul Pompeia, aqui centrada no seu principal livro, insere-se, segundo nosso juízo, num emaranhado dinâmico, próprio de sociedades em transição. Era o caso do Brasil, à época. As mudanças em curso, da política à cultura, da economia à educação escolar, foram decisivas na emergência de novas demandas sociais, que marcaram a passagem do regime monárquico ao ciclo republicano. O sistema político recém-instalado caracterizou-se, em linhas gerais, por uma articulação «pelo alto», que aglutinou setores do exército, fazendeiros descontentes com o rumo econômico da monarquia, parcelas da intelectualidade científica, entre outros.

<sup>2</sup> SCHWARCZ, Lília M.: *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau: *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

<sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo: *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

<sup>5</sup> CARVALHO, Marta Maria Chagas de: «Reformas da instrução pública», em LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive: *500 anos de educação no Brasil*, Belo Horizonte, MG, Autêntica, 2000, pp. 225-252.

<sup>6</sup> SEVCENKO, Nicolau: *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

No final do século XIX, como afirmado anteriormente, o Brasil conheceu a emergência de novos setores sociais, dentre os quais se destacaram camadas médias urbanas, ligadas ao comércio, à exportação/importação, à imprensa periódica, ao magistério público e privado, profissões liberais, entre outros estratos. A família de Pompeia pertencia, de algum modo, a tais camadas. Seu pai, advogado, migra para a capital (Rio de Janeiro), centro nevrálgico da ação política, dos debates científico-culturais e das transações econômicas. No Rio, a cidade pulsava e expressava a fidedigna imagem da divisão social e da exclusão da maioria, ainda iletrada e subempregada, legada do pretérito regime escravista.

O acesso aos internatos era restrito a camadas específicas da sociedade brasileira. Uma instituição das elites, portanto. Níveis criteriosos de seleção eram postos em prática, como definição institucional de marca privilegiada. O internato como forma escolar<sup>7</sup> remonta à própria essência instada pela tradição católico-jesuítica<sup>8</sup>. Os antigos colégios da Companhia de Jesus, propagados desde um projeto global-missionário, atendiam camadas específicas do sistema colonial para a formação de novos quadros dirigentes do catolicismo, sob o grifo jesuítico. Consolidaram-se, assim, como modelo de instituição educacional, replicado em experiências corporativas no decorrer do século.

O título da obra aqui em destaque (*O Ateneu*), como conceito e experiência institucional, diz respeito, exatamente, a um paradigma de organização de ensino, propriamente dito. Como os conceitos possuem história<sup>9</sup> e só existem e se transformam em razão de circunstâncias históricas aliadas às heranças pretéritas, o termo em epígrafe suscita reflexões sobre sua historicidade como espaço de reclusão e aglutinação da infância e da juventude.

Varela e Álvarez-Uría<sup>10</sup> abordaram a questão ao definirem a escola como «instância da modernidade ocidental» que, num processo de longa duração, configurou-se, desde o século XVI, como agremiação detentora de peculiaridades até então inexistentes em outras formas institucionais de educação dos sujeitos. A definição da infância como etapa cronológica nodal de intervenção pedagógica, o ofício do ensino dirigido por especialistas, a definição de um espaço fechado, organicamente instituído, as noções de classe e currículo e, por fim, a formatação de sistemas mais amplos e nacionais de educação escolar comprovam a natureza histórica e política da escola.

<sup>7</sup> VICENT, Guy; LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel: «Sobre a história e a teoria da forma escolar», *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 33 (jun. 2001), pp. 7-47; JULIÁ, Dominique: «A Cultura Escolar como Objeto Histórico», *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, 1 (jan./jun. 2001), pp. 10-43.

<sup>8</sup> HASEN, João Adolfo: «Ratio Studiorum e política católica ibérica no século XVII», em VIDAL, Diana Gonçalves e HILSDORF, Maria Lucia Spedo: *Tópicos em História da Educação*, São Paulo: Edusp, 2001, pp. 13-41.

<sup>9</sup> KOSELLECK, Reinhart: *Histórias de conceitos*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2020.

<sup>10</sup> VARELA, Julia; ÁLVAREZ-URÍA, Fernando: «A maquinaria escolar», *Teoria e Educação*, 6 (1992), pp. 1-17.

O Ateneu, narrado por Pompeia, diz respeito não somente às suas reminiscências juvenis de estudante, seus medos, expectativas e frustrações. Há elementos que, a nosso ver, guardam conexão com a crise vivida por um modelo de instituição escolar que se apresentava anacrônico em tempos de transição. A ciência pedagógica ganhava novos contornos científicos e técnicos, como comprovam, por exemplo, a circulação internacional de teorias, materializadas em livros, manuais didáticos, artefatos e instrumentos para a organização de museus pedagógicos nas escolas, exposições etc.<sup>11</sup>

Feitas essas considerações acerca do contexto da obra, cabe, na próxima seção, aproximarmos-nos de seu autor: Raul Pompeia.

### 3. O autor e sua obra

O escritor brasileiro Raul Pompeia nasceu em 12 de abril de 1863, em Angra dos Reis (RJ), e suicidou-se no Natal de 1895, aos 32 anos, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de Antônio D'Ávila Pompeia e Rosa Teixeira Pompeia, além de escritor, de romances e crônicas para a imprensa fluminense, também foi professor e diretor da Biblioteca Nacional. Proveniente de uma família carioca abastada, inicialmente seguiu os passos do pai e começou o curso de Direito, do Largo São Francisco, em São Paulo, concluindo-o em Recife. No entanto, nunca exerceu a profissão. Foi ao longo da faculdade que começou a participar de grandes debates públicos e a militar em movimentos abolicionistas e republicanos. De personalidade inquieta, angustiada e introspectiva, foi crítico contundente da sociedade em que viveu e de instituições que conheceu, como o internato, alvo de nossa reflexão.

São as memórias dos anos vividos em regime de internato no colégio carioca Abílio, dirigido pelo educador Abílio César Borges, o barão de Macaúbas, que compõem a narrativa do romance. Na obra autobiográfica, o narrador-personagem Sérgio conta, em tom memorialístico, a sua experiência como interno por dois anos no renomado Ateneu, um educandário onde estudavam os filhos da rica burguesia carioca do século XIX. É para essa instituição escolar que o menino, de 11 anos, é levado pelo pai e vai aprender a viver em uma sociedade onde sobrevivem os mais fortes e espertos.

O romance foi publicado em 1888, em forma de folhetim, na *Gazeta de Notícias*. Como previamente discutido, trata-se de um período de grande transformação histórico-cultural no país. A data é um marco para a história do Brasil: ano da Abolição da Escravatura e um ano depois da Proclamação da República.

Na história da literatura, trata-se de um período que se convencionou a chamar de Realismo/Naturalismo, época em que as obras apresentam um caráter de denúncia da condição humana, de pessimismo frente à humanidade, dadas as

<sup>11</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes: «Instrução elementar no século XIX», em LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive: *500 anos de educação no Brasil*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000, pp. 135-150.

mazelas da sociedade e da condição do homem. Essa característica naturalista da obra será mais bem explorada na próxima seção, nas descrições dos laboratórios e na educação do olhar investigativo e sistemático ensinado aos alunos do colégio.

Ainda que não seja objetivo deste trabalho analisar literariamente o romance, cumpre mencionar que muitos críticos literários se dedicaram ao seu estudo sistemático, dentre os quais se destacam: *O Atheneu*, de Roberto Schwarz, escrito em 1960 e publicado na coletânea de ensaios críticos *A sereia e o desconfiado* e *O Ateneu, opacidade e destruição*, de Alfredo Bosi, publicado na obra *Céu, Inferno: ensaios críticos literários e ideológicos* cuja primeira edição data de 1988.

Como colocado por Silva<sup>12</sup>, ambos ensaios contrapõem a análise de Mário de Andrade *O Ateneu*, publicado em 1941, no livro *Aspectos da Literatura Brasileira*, no qual Mário de Andrade declara que *O Ateneu* é uma obra autobiográfica em que Raul Pompeia constrói sua vingança impiedosa contra a sociedade em que viveu. Apesar de classificar o romance como uma obra-prima, Mário de Andrade tece duras críticas, destacando os sentimentos de inadequação e o agudo ressentimento de Sérgio, os quais, segundo o autor, inspiraram, inclusive, outros romances memorialísticos brasileiros escritos na década de 1930.

*O Ateneu* não é facilmente classificável. Para Mário de Andrade, a obra de teria elementos e processos técnicos do Naturalismo<sup>13</sup>, já para Schwarz<sup>14</sup>, há uma superação do Realismo, já que a presença simultânea de visualização e consciência visualizadora coloca o romance na origem da linha reflexiva que iria ultrapassar os esquemas de Realismo e Naturalismo. Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, Bosi<sup>15</sup> sustenta que não se pode definir *O Ateneu* em sentido estrito, realista. O crítico literário explica que alguns afirmam que a obra tem traços impressionistas, dada a plasticidade nervosa de alguns retratos e ambientações; por outras razões se poderiam encontrar traços expressionistas, como o gosto do mórbido e do grotesco com que deforma sem piedade o mundo do adolescente.

O enredo concentra-se em torno das memórias do narrador personagem-protagonista, Sérgio, que, já adulto, resgata suas memórias de infância, de quando tinha 11 anos e fora matriculado no colégio Ateneu. A referida instituição é conhecida por sua extrema rigidez. O colégio, então, funciona como microcosmo do mundo, da sociedade que é vista como uma selva<sup>16</sup>.

<sup>12</sup> SILVA, M. L.: «O Ateneu sob a perspectiva de Bosi e Schwarz», em *XII Congresso Internacional da Abralic – Centros, ética, estética – 2011. Anais*, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://abralic.org.br/eventos/congz2011/AnaisOnline/resumos/TCo815-1.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

<sup>13</sup> ANDRADE, Mario de: *Aspectos da Literatura Brasileira*, 4.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Martins, 1972.

<sup>14</sup> SCHWARZ, Roberto: «O Atheneu», em *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Paz e Terra, 1981. pp. 25-30.

<sup>15</sup> BOSI, Alfredo: *História concisa da literatura brasileira*, 53.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Cultrix, 2021.

<sup>16</sup> ARAUJO, F. M. S. de: *O ateneu e a nostalgia da forma* (Dissertação mestrado em estudos da linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte), 2011.

Ao ser levado ao educandário, o menino é obrigado a cortar os cabelos, ação que simboliza um rito de passagem da infância superprotegida pela mãe para a vida de adolescente, cruel e rígida, a qual sempre será vigiada pelos olhos do austero Aristarco Argolo de Ramos, diretor do internato.

Dentro do internato, cujo espaço remete a um cárcere, as relações são estabelecidas de forma violenta e bruta. Há uma nítida divisão entre fortes e fracos, muito comum às teorias darwinistas da época. Sérgio, ao longo da narrativa, tem três protetores, Chances, Bento Alves e Egbert, os quais ajudam o garoto a sobreviver, formar-se e deformar-se.

Assim, nesses dois anos que demarcam o tempo da narrativa, acompanhamos o narrador que funciona como um cientista que «pega uma alíquota da sua experiência e observa»<sup>17</sup>. O espaço, no caso, o educandário é um microcosmo da sociedade. Assim, também se torna metonimicamente um personagem, a representação de um todo. Por essa razão afirma-se que o *Ateneu* é um romance de formação, ou seja, uma obra que investiga por que alguém se torna o que é, na medida em que apresenta fatos decisivos, ocorridos em geral na infância ou na adolescência, que teriam o caráter de formar a identidade psicológica/moral/cultural de um personagem. O livro encerra com a destruição de parte colégio, ocorrida por causa de um incêndio provocado por um estudante recém-chegado. Em uma manhã, Sérgio acorda com os gritos e percebe que tudo estava ardendo em chamas. Eis a ruína a ruína do Ateneu.

Segundo Tundisi<sup>18</sup>, o romance é uma recriação artística da educação nos internatos da época. Como procuraremos mostrar, a seguir, a narrativa é repleta de relatos de práticas pedagógicas da época que não apenas denunciam as falhas do sistema educacional vigente, como também tecem críticas a comportamentos e valores de toda a sociedade.

#### 4. O *Ateneu*: a obra e o debate histórico-educacional

Os internatos e suas repercussões no cenário de inovações e permanências pedagógicas espelham a dinâmica e complexa rede de ensino que figurou no Brasil dos oitocentos. Como afirmado, havia um heterogêneo conjunto de formas institucionais de ensino que atendia diferentes setores sociais.

O internato era mais uma das alternativas para contemplar os interesses de famílias pertencentes às esferas privilegiadas. Às massas, disformes e difusas, estavam reservadas, com limites, as instituições públicas isoladas, como «par-

<sup>17</sup> QUEIROZ, T. B. de: «O conceito de romance de internato a partir da tradição do Bildungsroman», *Estação Literária*, 18 (2016), pp. 10-24. <https://doi.org/10.5433/el.2016v18.e29046>. Acesso em 24 jul. 2023.

<sup>18</sup> TUNDISI, Alexandre: *Sérgios e Aristarcos: apropriações de «O Ateneu» no campo educacional brasileiro* (Dissertação mestrado em História da Educação e Historiografia, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo [FEUSP]), 2013, 160 pp.

dieiros»<sup>19</sup>, em sua grande parte desprovidas da estrutura característica dos tradicionais colégios privados, tais como os internatos, localizados estrategicamente na zona urbana dos municípios, que compunham a malha do traslado do café, produto agroexportador, cujas as repercussões facilitaram a emergência e o enriquecimento dos barões, favorecidos pelo investimento estatal-privado em linhas férreas que interligavam as fazendas aos portos, localizados na costa litorânea do sudeste brasileiro.

Do ponto de vista da literatura científica pertinente, exarada no âmbito da historiografia educacional brasileira (e em alguns casos da portuguesa), determinadas perspectivas de análise versaram sobre estudos de caso<sup>20</sup>, entre outros. As pesquisas de Conceição 2012<sup>21</sup> e 2019<sup>22</sup> são igualmente relevantes para endossar elementos similares à organização interna e pedagógica desse modelo de confinamento juvenil, em um espaço de tempo alargado que remontou ao legado institucional dos colégios inacianos. O estudo de Santana<sup>23</sup> agrega consistente discussão histórico-filosófica ao selecionar romances brasileiros que abordaram os internatos como objeto estético e literário, com vistas a conhecer e analisar práticas pedagógicas do final do século XIX e as primeiras décadas do XX.

A leitura de *O Ateneu* enseja diferentes sentidos. Sob o ângulo da História da Educação, a atenção recai sobre aspectos relativos à organização institucional e seus contextos, bem como aos elementos referentes às práticas dos diferentes atores escolares e das heterogêneas e tensionais formas de se organizar o ensino, o currículo, os materiais e equipamentos disponíveis às didáticas e as apropriações científicas no âmbito do debate intelectual.

A análise que orientou a pesquisa em tela mira as ressonâncias que a narrativa expõe no escopo da obra, publicada no final do século XX. A edição escolhida, dentre as inúmeras publicadas no Brasil, foi a tiragem organizada pela Câmara Brasileira do Livro, impressa em 1954, em comemoração ao centenário da fundação da cidade de São Paulo. Com ilustrações do artista Clóvis Graciano (1907-1988), a editora pensou um ensaio do poeta modernista Mario de Andrade (1893-

<sup>19</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive: *500 anos de educação no Brasil*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000, pp. 135-150.

<sup>20</sup> RUFINO, Cesar: *A educação correccional de menores em internato. Discurso pedagógico e práticas pedagógicas da modernidade* (Dissertação mestrado em Ciências da Educação, História da Educação e Educação Comparada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa), 2004; GOMES, José Alberto; PATACAS, Paula Cristina e HENRIQUES, Helder: «O internato de Santo António de Portalegre», em *Anais, III Seminário de I&DT*, Portalegre, Portugal, 2012.

<sup>21</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares: *Internar para educar. Colégios-Internatos no Brasil (1840-1950)* (Tese Doutorado em História Social do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA), 2012.

<sup>22</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares: «Princípio do internato escolar: primórdios, práticas e permanências no Brasil», *Interfaces Científicas. Educação*, 7(2) (2019), pp. 107-120.

<sup>23</sup> SANTANA, Jeová Silva: *O internato como modelo educacional segundo a literatura: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica* (Tese doutorado em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo), 2011.

1945), escrito em 1941, que abre a edição. Não se trata aqui de examinar o conteúdo e a apreciação de Andrade sobre o romance e seu autor, mas destacar a relevância da obra *O Ateneu* nos marcos de uma nova abordagem literária no Brasil, emergente no final do século XIX e início do XX, como apresentado na seção anterior. Em uma das contracapas, lê-se: «Desta obra tiraram-se trezentos e vinte e seis exemplares de luxo, no formato 24x33, em papel “Pluma”, sendo trezentos numerados de I a 300, e vinte e seis, fora de comercio, de A a Z»<sup>24</sup>.

Desde uma perspectiva histórico-educacional, a narrativa expõe as reminiscências de um ex-aluno que, no período da infância, frequentou um colégio interno masculino, localizado no município do Rio de Janeiro. Desde o internato, tratado por Pompeia como um microcosmo, o autor relembra o centralismo administrativo, os castigos, a relação com os colegas, as matérias lecionadas, os professores e suas práticas, as saídas para casa, as regras disciplinares, as premiações, as cerimônias e celebrações, a arquitetura espacial etc.

Chama a atenção, dentre outras preocupações memorialísticas de Pompeia, a ênfase nos métodos de ensino, no papel persuasivo dos docentes e no autoritarismo da direção do instituto. O *Ateneu*, assim, converte-se para o autor como um complexo que conecta e articula variadas acepções de escola e formação da infância.

De um lado, a experimentação; de outro, a manutenção de valores e práticas procedentes de tempos pretéritos e longevos. Senão vejamos:

«Perto de mim vi o Franco. Sempre de penitência: em pé, cara contra a parede [...] perguntei-lhe por que estava de castigo. Sem olhar, de mau modo: ‘Lá sei! Disse ele. Porque me mandaram’»<sup>25</sup>.

Em variadas passagens, de outro lado, uma homenagem ao ensino intuitivo, sob bases naturalistas, consideradas, naquele contexto, a grande novidade pedagógica. O ensino intuitivo, apregoadado e, em alguns casos, aplicado na escola interna em epígrafe, denominado de «lição de coisas», de origem europeia, estava fundamentado em uma lógica naturalista, que defendia a intuição pela experiência empírica, com vistas a conduzir a infância a exercitar, na escola, o contato material com equipamentos experimentais, próprios daqueles tempos de mudança pedagógica. Exemplo notório diz respeito à ênfase dada aos passeios externos, trabalhos de campo que envolviam o contato com a natureza.

O Jardim Botânico, espaço tradicional do naturalismo do século XIX, adequava-se aos objetivos do ensino prático das Ciências Naturais, narrados por Pompeia com alto grau de detalhamento. No *Ateneu*, o currículo transmutava-se rotineiramente entre o passado e o presente, entre o tradicional e o inovador, complexa teia de procedimentos, que articulava padrões centralizadores, auto-

<sup>24</sup> Como informado no início deste texto, todas as referências à obra-fonte aqui analisada foram retiradas da seguinte edição: POMPEIA, Raul, *O ateneu*, São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1954.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 37.

ritários e moralistas com técnicas inovadoras de ensino, à época mundializadas, em razão da circulação internacional de conhecimentos advindos de uma novos paradigmas sobre a infância, conquista da Psicologia e Pedagogia científicas.

Interessante notar que a rotina interna do *Ateneu*, narrada pelo autor-personagem que rememora, era organizada por uma conjugação de práticas diversas, muitas delas trilhando o caminho oposto à normatização estabelecida pela hierarquia burocrático-institucional. Os internos, cada qual com suas mazelas e expectativas, postulavam, ao se modo, maneiras diversas de apropriação do *statu quo* pedagógico. Pompeia relata, por exemplo, «a organização da sala de estudos pela vontade dos estudantes»<sup>26</sup>; «a circulação de periódicos e romances proibidos»<sup>27</sup>, entre outros.

Níveis heterogêneos de apropriação do currículo, das matérias e das regras eram corriqueiros no interior do estabelecimento fechado em contraste com as estratégias e equipamentos de repressão disponíveis, tais como o «livro das notas» e os métodos de controle exercidos pela direção, que «espiava as correspondências dos alunos»<sup>28</sup>. Ocasão especial, segundo o memorialista, ocorria com as saídas do *Ateneu*, «uma libertação existencial»<sup>29</sup>.

Interessante constatar, na narrativa, a forma como o autor-personagem interpreta as:

duas perniciosas influências que contrabalançavam eficazmente o porejamento (sic) de doutrina a transudar das paredes, nos conceitos de sabedoria decorativa dos quadros, e ainda mesmo a polícia das aparições ubíquas e subitâneas do diretor [...]. O meio, filosofemos, é um ouriço invertido: em vez da explosão divergente dos dardos – uma convergência de pontas ao redor. Através dos embaraços pungentes, cumpre descobrir o meato de passagem, ou aceitar a luta desigual da epiderme contra as puas. Em geral, prefere-se o meato<sup>30</sup>.

Pompeia não titubeia em apresentar de forma contundente uma crítica voraz ao formato institucional que acolhia parcelas da infância masculina. O clima era opressor, segundo ele. No entanto, havia brechas que os próprios internos conseguiam criar e trilhar, se opondo à doutrina e às regras, táticas de sobrevivência existencial, emaranhado da cultura escolar. As amizades entre os estudantes, constituídas na rotina imposta pela burocracia, congregavam atitudes rebeldes, sob as lentes atentas da direção, assessorada pelos bedéis, os «olhos e os ouvidos do rei».

O meio, enfatizado na narrativa pela tendência naturalista do autor, regrava as atitudes e expectativas dos juvenis, internados no *Ateneu*. Assim, Pompeia sistematiza suas impressões sobre as peculiaridades institucionais do colégio, com

<sup>26</sup> *Idem*, p. 136.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 138.

<sup>28</sup> *Idem*, pp. 62 y 75.

<sup>29</sup> *Idem*, pp. 92-93.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 93.

seus determinados espaços internos, como a sala geral de estudo, um coletivo disponível à clientela estudantil, que servia para burlar as regras, senão vejamos: «A sala geral do estudo [...] era um microcosmo de atividade subterrânea. Estudo era pretexto e aparência, as encadernações capeavam mais a esperteza do que os próprios volumes». Talvez para superar o tédio, a «grande enfermidade da escola»<sup>31</sup>.

As férias eram aguardadas pelos estudantes como um evento de superação temporária do aniquilamento da liberdade, conforme o relato que segue:

Pelas paredes a carvão, pelas tábuas negras a traços brancos, arranhada na calíça, escrita a lápis ou a tinta, por todos os cantos via-se esta proclamação: Viva às férias! Determinando a ansiedade geral, como um pedido, uma intimativa ao tempo que fosse menos tardo, opondo, cruel, a resistência impalpável, invencível dos minutos, dos segundos, à chegada festiva da boa data<sup>32</sup>.

As regras disciplinares, por sua vez, eram encaradas, pelo sujeito-narrador como peças da arquitetura regimental, organicamente sistematizadas, com vistas a controlar todos os passos e atitudes dos internos. Situação que contrastava com a emergência do ensino intuitivo, em voga e debatido pela literatura científica disponível, que circulava nos meios acadêmicos e intelectuais da pedagogia. Pompeia, em determinados trechos do livro, faz referência às novidades didáticas, algumas delas, inclusive, experimentadas por atuação pontual e localizada de docentes inspirados e criativos. A existência, no internato, de laboratórios para o ensino de ciências naturais, expressava a vivacidade relativa da proposta pedagógica da instituição.

Determinadas aulas e discursos docentes cravaram na memória do narrador pistas e sinais de algum avanço e evolução nas práticas da didática. Na Educação Física, por exemplo, a aposta no ensino naturalista, voltado ao desenvolvimento harmônico da corporeidade juvenil, era vista como necessária para acompanhar as conquistas da ciência moderna. Aqueles docentes mais conectados aos novos paradigmas pedagógicos não relutavam em enfatizar as imprescindíveis relações entre o homem e a natureza, entre o corpo e a mente, com a vista a formar e a educar desde uma perspectiva integral. O colégio era, como se vê, um espaço tensional que contrastava o antigo e o moderno, o tradicional e o progressista, numa dialética existencial-memorialística exibida pelo narrador-sujeito.

As estratégias de rebeldia estudantil expressavam-se pelas táticas do desenho e bilhetes compartilhados pelos corredores, pelo coleguismo espontâneo e pelas formas autônomas de organização dos estudos, procedimentos que burlavam as regras e normas disciplinares. Tais atitudes, não diminuía a fúria do controle adulto sobre a infância internada e recolhida entre os muros do colégio. A direção e seus asseclas, funcionários obedientes e disciplinados, atentos à rotina institucional, não mediam esforços na fiscalização das práticas consideradas rebeldes e

<sup>31</sup> *Idem*, pp. 136 y 133.

<sup>32</sup> *Idem*, pp.138-139.

os castigos eram medidas muitas vezes tomadas para sanar possíveis articulações grupais.

Os exames finais (escritos ou orais) eram cerimônias marcadas pelo medo e ansiedade, segundo o narrador. A imprensa periódica, como era de costume naqueles tempos, divulgava os júris como eventos simbólicos de coroamento do ano letivo. No *Ateneu*, eram encarados como consolidação e divulgação dos saberes apropriados pelos estudantes, ocasião privilegiada para os docentes exteriorizar o pedantismo acadêmico.

Para o sujeito-narrador os professores «eram bons e moderados». Um docente da Língua Inglesa, de nome Velho Junior, era «o melhor dos homens; zeloso, explicador detalhado, sem exaltar-se nunca» e, ainda, Mr. Delille, de francês, «inofensivo e benévolo»<sup>33</sup>.

A direção, por sua vez, apregoava uma leitura própria sobre a educação e o ensino. Convocava, rotineiramente, assembleias para divulgar o que entendia sobre o tema. Pelas memórias narradas por Pompeia, é possível vislumbrar uma concepção e um paradigma que, divulgado, compunha o acervo das opiniões e das práticas, sempre em contraste com a realidade objetiva. Senão vejamos:

A educação não faz mal as almas: exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias. A energia para afrontá-las é a herança de sangue dos capazes da moralidade, felizes na loteria do destino. Os deserdados abatem-se [...]. O internato é útil; a existência agita-se como a peneira do garimpeiro: o que vale mais e o que vale menos, separam-se<sup>34</sup>.

Simbólica e concretamente, o internato representava a ausência e a permanência, o caos existencial e a necessidade subjetiva de apoio. Necessário e, simultaneamente, odiado, o ritmo que saltava dos corredores, salas de estudo, refeitório fazia coro às mazelas e vontades do público estudantil. Para Pompeia, as lembranças escolares, marcadas indelevelmente, proporcionavam um conteúdo existencial e cultural que, de forma significativa, explicaria a mais pesada contradição posta a prova no cotidiano da instituição.

## 5. Considerações Finais

História e Literatura, como campos de análise, quando articulados, podem propiciar pertinentes elementos para o entendimento dos processos relativos às transformações e permanências que sofreram as instituições de ensino em suas diferentes fases de constituição e consolidação. Como assevera Souza<sup>35</sup>, a história, com processo, é parte intrínseca dos conteúdos literários e, por sua vez, a histo-

<sup>33</sup> *Idem*, p. 180.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 203.

<sup>35</sup> SOUZA, Ana Santana: «História e literatura: notas para um diálogo», *Mneme – Revista de Humanidades*, 11(28) (ago./set., 2010), pp. 1-16.

riografia, como averbação, dialoga com o conteúdo literário, a fim de captar o produto (e o autor) em seu tempo e as repercussões e apropriações posteriores.

Considerar uma obra e seu contexto de elaboração, na tentativa de compreender pormenores expostos nas linhas e entrelinhas das narrativas, foi a tarefa que o estudo em tela se empenhou em discernir. Temas e questões educacionais foram abordados por diferentes vertentes literárias. A literatura brasileira registra um acervo de importantes obras que versaram sobre o tema escolar. Dentre elas, *O Ateneu*, de Raul Pompeia, aqui exposta articuladamente com os processos histórico-educacionais, configurou-se como um paradigma de entrada e questionamento sobre um protótipo institucional que vigorou durante séculos no Brasil, em concorrência com toda uma série de inovações dispostas a superar o tradicionalismo e a ortodoxia pedagógica. O enfrentamento foi tensional, o que acarretou e aprofundou a crise educacional no país, que oscilou entre o público e o privado, entre a democratização do ensino e o patrimonialismo aristocrático, marca indelével de uma sociedade de classes.

As tentativas de superação do atraso e do conservadorismo foram tópicas, arquitetadas em momentos-chave de luta democrática, interrompidos pelas fases ditatoriais do período republicano brasileiro. Pode-se, portanto, considerar que as assertivas de Raul Pompeia, fundamentadas por suas memórias sistematizadas em *O Ateneu*, significaram, em dupla face, um marco literário de questionamento e crítica, que inclusive inspirou os romancistas de década de 1930, assim como um exercício historiográfico que congrega autor, obra e contexto. Essa interlocução é a chave para entender a ambiguidade de sua avaliação estética e classificação histórica.

Como analisado por Pasta Júnior<sup>36</sup>, é na imagem pompeana do fogo que o romance localiza sua mediação por excelência, aquela que se forma desaparecendo, que se forma como destruição. Para aquele momento histórico, a ruína da educação, e da sociedade, foi o caminho encontrado por Pompeia para a resolução de seus impasses. Atualmente, teríamos encontrado outras vias de solução?

<sup>36</sup> PASTA, Júnior: *Pompéia: a metafísica ruínosa d'O ateneu* (Tese doutorado em Teoria Literária, FFLCH, Universidade de São Paulo), 1992.

